

**Questões político-ideológicas presentes na constituição da fórmula
“desenvolvimento sustentável”.**

Relatório entregue ao CNPQ, como conclusão do projeto de Iniciação Científica financiado por esta instituição e desenvolvido pela aluna Julia Lourenço Costa com orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, o qual teve vigência de agosto de 2009 a julho de 2010.

São Carlos, agosto de 2010

“Ele, afinal, não falava o que dizia. Referia outro assunto.
Cada coisa tem o direito a ser uma palavra.
Cada palavra tem o dever de não ser nenhuma coisa.
Seu assunto era o tempo. Como o rio: parado é que o tempo cresce”.

(O último vôo do flamingo, Mia Couto)

Índice

Introdução	p.03
-------------------	-------------

Capítulo 1

1.1. A Lingüística no século XX	p.05
1.2. A Análise do Discurso de orientação francesa	p.08
1.3. A noção de fórmula em Jean-Pierre Faye	p.09
1.4. A noção de fórmula em Pierre Fiala e Marianne Ebel	p.13
1.5. A noção de fórmula em Alice Krieg-Planque	p.15

Capítulo 2

2.1. A fórmula desenvolvimento sustentável na mídia	p.17
2.2. O caráter cristalizado da fórmula desenvolvimento sustentável	p.22
2.2.1. Descrição lingüística da fórmula	p.26
2.3. O caráter discursivo da fórmula	p.29
2.4. O caráter de referente social da fórmula	p.31
2.5. O caráter polêmico da fórmula	p.35

Conclusão	p.40
------------------	-------------

Bibliografia	p.43
---------------------	-------------

Introdução

Trabalhando com o conceito de fórmula desenvolvido pela pesquisadora francesa Alice Krieg-Planque, procuramos desenvolver uma pesquisa em torno da sequência linguística desenvolvimento sustentável e como esta circula na mídia brasileira, mais especificamente na Revista Veja e nas edições desde o surgimento da fórmula (1991) até os dias atuais que ainda apresentam uso da fórmula em questão.

Por fórmula, Krieg-Planque, entende ser um “*conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir*” (Krieg-Planque, 2009:7). Portanto, a sequência desenvolvimento sustentável pode ser configurada dentro do conceito de fórmula, pois ela cristaliza os dizeres de uma época acerca da questão ambiental em conjunto com o desenvolvimento econômico.

A noção de fórmula contribui com as ciências da linguagem de modo geral, por trazer reflexões que abarcam diversas áreas que não somente a Linguística; como a Sociologia, a História, a Psicanálise etc., todas contribuindo para uma compreensão mais global da linguagem, da sociedade, da História e do próprio sujeito que a utiliza.

Através do conceito de fórmula podemos verificar como os sujeitos se valem da linguagem para se expressar, e pela reflexão do uso da fórmula outras questões que estão no liame da linguagem são despidas, como por exemplo, as “*relações de poder e de opinião*” (Krieg-Planque, 2009:8) que são veiculadas e refletidas através de sua utilização.

A autora desemboca suas reflexões no conceito de fórmula através de um estudo do percurso histórico de pesquisas anteriores que contribuíram diretamente para o amadurecimento do conceito. Este percurso será revisitado nesta pesquisa, verifiquemos, portanto, sua estrutura:

Primeiramente será traçado um percurso histórico da ciência Linguística, grande área onde esta pesquisa está inserida (não excluindo outras áreas que muito contribuem); em segundo lugar será traçado um breve percurso da constituição da Análise do Discurso como subárea da Linguística, e em terceiro lugar, um percurso que passa pelos pesquisadores que influenciaram diretamente o surgimento do conceito de fórmula (Jean Pierre-Faye, Pierre Fiala e Marianne Ebel). Por último, fechando o

primeiro capítulo, será feita uma descrição de onde este percurso desemboca neste trabalho: na noção de fórmula de Alice Krieg-Planque.

No capítulo dois será feita a inserção da fórmula trabalhada nesta pesquisa (desenvolvimento sustentável); inicialmente será feita uma descrição desta na esfera midiática e posteriormente o estudo focalizado nas características que uma fórmula possui, trabalho desenvolvido por Krieg-Planque, que subdivide o estudo da fórmula segundo algumas características, como o caráter cristalizado da fórmula, o caráter discursivo, o caráter de referente social e o caráter polêmico da fórmula. Todas essas categorias serão exemplificadas por meio de nosso corpus.

Finalizando, temos uma ‘conclusão’ sobre a fórmula desenvolvimento sustentável, mais especificamente sobre como esse conceito está inserido no cerne da estrutura midiática, a qual coloca em visualização a relação de poder e ideologia refletidas através do uso da linguagem, demonstrando, portanto, como este conceito funciona para além de um nível estritamente linguístico e fechado.

Capítulo 1

1.1. A Linguística no século XX

O pensamento lingüístico ocidental tem suas bases fincadas na filosofia grega que procurava refletir sobre o surgimento das línguas, não se atendo demasiado na questão do funcionamento, tanto que as categorias por eles formuladas, como verbos, substantivos, entre outros, tiveram base filosófica e não por meio de detalhamento do funcionamento de maneira sistêmica, postura que não se modificou até o século XVIII.

Com a descoberta do sânscrito no século XIX abre-se uma nova fase para a Linguística, pois são desveladas assim as relações entre as línguas indo-européias e torna-se possível então ser elaborada uma Gramática Comparada, que visava somente à apreensão da evolução das línguas, como influência direta do pensamento vigente no período e os estudos evolucionistas de Darwin.

O século XIX, marcado por tantas mudanças históricas e filosóficas teve sua influência também na nascente reflexão sobre os processos envolvidos na linguagem, vista a partir de então como uma ciência; a Linguística. Com os estudos evolucionistas em curso, a Linguística do século XIX e início do século XX foi essencialmente marcada pelo caráter histórico, pois tinha como objetivo pesquisar e especificar características universais da linguagem que poderiam ser aplicadas às particularidades de uma língua ou de um tipo lingüístico.

Neste meio tempo existiam, para usar um termo de Benveniste, *cabeças inquietas*, que se questionavam para além da história das línguas somente, querendo esclarecer dúvidas sobre o funcionamento da língua de maneira mais profunda. O corte nesse pensamento, até então vigente, foi feito pelo *Curso de Linguística Geral* de Saussure em 1916 que discorreu sobre o caráter simbólico da linguagem e da Linguística como um todo; pois uma ciência da linguagem não pode/deve manter-se somente no nível superficial, que seria um estudo histórico-evolucionista, mas procurar trabalhar a linguagem por ela mesma como elemento simbólico organizado sistematicamente. A partir desta ruptura é esclarecido o papel do linguista, que deve estudar de maneira sincrônica a língua e seus elementos estruturais/formais próprios.

Neste momento não se buscava mais estudar línguas, as quais muitas vezes nem utilizadas eram, ou a essência de suas origens; com este novo pensamento todas as línguas recebem igual status, pois se sabe que todas, com suas especificidades, são organizadas em torno de um sistema lingüístico próprio.

A partir de então a Linguística torna-se ciência, pois ocorre uma mudança em relação ao objeto, que terá agora um esforço para formalizá-lo, pois o *Cours de linguistique générale* prega que o “a linguística tem como único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por ela mesma” (CLG, 1916:17), o que significa que a Linguística está agora despida de qualquer apoio em outra ciência, seja ela a História ou a Psicologia, por exemplo, a Linguística constituiu-se assim como uma ciência independente, ideias as quais Bloomfield, que teve grande influência na Linguística americana, também defendeu em seu livro *Language* de 1933.

Para além do estudo histórico procurar-se-á neste momento, dissecar a língua e suas estruturas a fim de verificar suas diferenciações (e não suas similitudes como anteriormente), busca-se assim apreender como este sistema (o da linguagem) é organizado, e internamente, como esses elementos interdependentes funcionam inseridos num único sistema, que é a própria língua.

Um termo de extrema relevância para os estudos lingüísticos de então, o qual demonstra esse novo paradigma é o termo *estrutura*, que representa o novo entendimento das línguas como sistema que possui estrutura própria, que contém elementos que se relacionam e formam assim uma cadeia, a qual se torna o objeto delineado da Linguística do século XX.

A pesquisa nesse momento girava em torno da descrição sistemática de certa língua, seus elementos e as relações que estes travam, desvelando as particularidades estruturais de cada sistema. O ápice desses estudos foi o livro de Z. Harris *Methods in Structural Linguistics*, no qual o autor descreve as minúcias da pesquisa linguística em relação aos fonemas e morfemas, quase que de maneira matemática.

Surge assim uma reflexão em torno da significação, que não fora explorada até então, pois se observa, mesmo que implicitamente, que o trabalho de Z. Harris é baseado sob a língua colocada em uso (o discurso), subentendendo assim, a subjetividade do sujeito que a utiliza e, da mesma forma, a significação que é atribuída aos termos, significação esta que é implicitamente assimilada a certo sistema lingüístico.

Desde o início, admitiu-se que a significação não deveria ser trabalhada, para que assim a análise lingüística pudesse ser científica, pois a significação pressupõe o fator subjetivo, impossível de ser classificado ou colocado no interior de uma estrutura sistêmica. Admitiu-se assim, a significação somente relacionada à situação de uso (num

pensamento de origem behaviorista), e colocar-se-iam assim esses elementos em comparação, classificando-os conforme o estudo do sistema, como se esses fossem produzidos como resposta a um estímulo externo.

Bloomfield defenderá então a ideia de estímulo/resposta, como se determinados enunciados provocassem respostas padrões, o sentido para o autor, estaria então nessa troca totalmente previsível. Já Z. Harris acreditava ser difícil estudar as significações a partir da situação, pois não existiria um estudo sobre essas circunstâncias de produção e conseqüente resposta, ficando a significação atrelada a algo fluido, que é a própria situação, a qual não é formalizada ou estudada por esse viés.

Portanto estudar os elementos entre si não garante um estudo de todo o sistema de dada língua, deve-se entender a língua concreta posta em enunciado como resultado do processo abstrato de simbolização e conseqüente significação, pois as escolhas lexicais dos falantes estão condicionadas a sua intenção, ao seu objetivo em relação ao enunciado produzido.

O linguístico em si, é dessa maneira expandido, pois se percebe que não adianta estudarmos elementos isolados do sujeito, pois este, que é a origem dos enunciados, exerce função primordial e altera toda a cadeia linguística na intenção de expressar-se claramente.

Refletindo nessa mesma direção surgem então os nomes de G. Guillaume e de L. Hjelmslev que se apoderaram do conceito saussuriano de signo linguístico (dotado de significado e significante), para trabalhar então com a ideia de forma e substância, conceitos que cruzarão com o pensamento lógico, no sentido de utilizar os instrumentos elaborados pela lógica dos conjuntos para tentar estabelecer relações que alcançassem uma simbolização lógica. Dividiu-se assim a língua em ordinária e simbólica, e pelo entrecruzamento delas, busca-se ainda uma constante a ser estudada.

Posteriormente o estudo volta-se para a língua como reflexo da estrutura social, o que também acarretará problemas e relações não tão claras a serem estabelecidas. Torna-se necessário um estudo da cultura, da psicologia e nenhuma correlação clara consegue ser estabelecida. Faz-se necessário assim um estudo separado das áreas para posteriormente haver um entrecruzamento.

Verificamos assim a busca da Linguística por uma base teórica, a fim de afastá-la de implicações subjetivas, quando na realidade, estas devem trabalhar em conjunto, pois sabemos que a base fornecida pelo *Curso de Linguística Geral* com o conceito de

signo, subdividido em significado e significante, está completamente relacionada ao subjetivo e ao homem de maneira geral, pois é através dele que a linguagem é possível, o homem enunciador, falante, deve assim ser visto como ponto de convergência da psique e seu instrumento de expressão, esses dois elementos difundidos no conceito de linguagem.

A impressão passada é de uma Linguística abstrata, pois se afasta das realidades da linguagem e de uma ciência isolada das outras ciências humanas, quando deveria ser na verdade o contrário, pois cada vez mais é verificada a necessidade de integração entre as ciências para uma compreensão global do Homem.

1.2. A Análise do Discurso de orientação francesa

A Modernidade que o século XX trouxe, com tantas rupturas de paradigmas em todas as áreas, e principalmente nas Ciências Humanas, teve sua influência na Linguística, a qual começa a se questionar sobre a delimitação entre as áreas de conhecimento e a falta de diálogo entre elas.

Torna-se necessário então, o entrecruzamento entre as diversas disciplinas, as quais contribuíam para solucionar problemas já existentes. No caso especial da Linguística, tornou-se necessário o estudo da parte do significado do signo linguístico (desde o CLG, a parte relevante era o significante), passando então para um viés mais voltado para a semântica, que por si só engloba muitas questões que estão fora do alcance do estritamente linguístico.

Passou-se então a se considerar a formação social, histórica e cultural do sujeito, e nesse momento propício surge na França a Análise do Discurso que, em meio aos debates do entrecruzamento de áreas do conhecimento, se apóia na Linguística, na História e na Psicanálise, as três grandes áreas que dão conta do sujeito nas três instâncias citadas acima, e todas desembocando no uso da linguagem, o meio pelo qual a constituição de todas as outras questões torna-se visíveis.

Para Culioli, a AD francesa surge como nova opção para interpretações de textos literários, amplamente estudados na cultura européia, como uma *“obsessão francesa pela significação”* que não se restringiria somente a forma e conteúdo, a questão colocada neste momento é o entremeio dessa equivalência, ou seja, o sujeito e sua psique relacionada ao processo histórico. (Maingueneau, 1990:66)

Essas três áreas, que operavam então rupturas próprias, passam a ser consideradas. A Linguística negando o estudo somente do significante e trazendo a tona estudos que consideram a parte do significado; a História pautada no materialismo histórico que considera as transformações sociais com fundamento na questão ideológica, e a Psicanálise, que reforça o poder do sujeito de se expressar através de símbolos.

A Análise do Discurso, desde sua constituição, não pretende ser uma ciência pronta e fechada (exatamente o que as ideias do século passado negavam), mas sim adotar uma posição de enfrentamento metodológico e teórico que se constrói todos os dias, sempre retornando ao seu objeto de análise.

A nascente área da Linguística passa então a olhar para a materialidade linguística por outro viés: daquele que a enxerga como meio de simbolização, de significação de algo que está num nível mais profundo, exatamente o nível em que a linguagem é simbologia de uma cultura, de uma História que está por trás dela, de uma ideologia e de um sujeito socialmente constituído.

1.3. A noção de fórmula em Jean Pierre-Faye

As pesquisas e estudos do ensaísta, dramaturgo, ficcionista, filósofo, tradutor e autor francês Jean Pierre-Faye tem como centro os princípios formadores do Totalitarismo, e inserida neste âmbito, a pesquisa sobre a constituição da fórmula “*Estado Total*”, amplamente difundida na Europa, principalmente Alemanha e Itália, repercutindo também em outros países, como a França, durante os anos precedentes da Segunda Guerra mundial e a difusão da ideologia nazista no continente.

Tendo como base o materialismo histórico de Marx, o autor desenvolve e defende o conceito de *narração*, afirmando que “*a História, antes de mais nada, é uma narração*” (Faye, 2009:5), no sentido mesmo de que a História por si acontece no aqui e agora e que qualquer documento que a relate se configurará como uma narração do acontecimento primeiro, a narração portanto constrói a História real de maneira fictícia, mas ao mesmo tempo se engendra nesse processo tornando-se assim parte da própria História.

“[...] a História – a palavra História – designa ao mesmo tempo um processo ou uma

ação real e o relato dessa ação. Relato que, concomitantemente, enuncia a ação – e a produz”. (Faye, 2009:15)

Porém a própria narração, que possui caráter crítico, busca a verdade na História, construindo-a nesse ato e se relacionando com outras narrações; a História, portanto constrói-se a partir da narração que prevalece, daquela que consegue estabelecer diálogo com outras, recebendo assim certa validação e credibilidade perante a sociedade como um todo.

Por outro lado, não existem garantias em relação à verdade do relato, podendo emergir assim relatos falsos (ou falsificados como o próprio autor os designa) que terão, da mesma forma, influência direta no real e material, tornando-se assim, esses deslocamentos, ponto de central atenção de pesquisadores astutos como Jean Pierre-Faye, que buscarão apreender esse movimento a partir da narração, ou seja, através da linguagem viva colocada em ação.

“[...] palavras, frases, sequências – e a marca do discurso inteiro traduzem as relações e os deslocamentos de relações entre os grupos que trocam e onde trocam essas linguagens. A semântica dos elementos do discurso [...] traduz as relações e os deslocamentos entre objetos reais – grupos que trocam e grupos que produzem mudanças – dependendo de uma sociologia dessas linguagens”. (Faye, 2009:71)

O autor não tem a pretensão de esclarecer as entrelinhas desse episódio (a ascensão do regime totalitário nazista), ele procura sim, desnudar os acontecimentos precedentes a ele nos documentos históricos, como livros, dossiês, cartas, pronunciamentos, e até mesmo entrevistas feitas na época, na intenção de rastrear de que maneira a linguagem age na construção da História; nesse sentido, a fórmula estudada por ele (Estado Total), traduzirá os pensamentos que cercearam um período marcante historicamente.

Totalmente ligada à história da política alemã, o surgimento da fórmula ocorre após alguns fatos históricos: Hindenburg, que era então presidente do Reich alemão, afasta o então chanceler Böhning, cogitando assim o nome de Franz Von Papen, que após uma manobra não muito aceita pelo parlamento, é desmoralizado perante Hindenburg que acaba nomeando Schleicher chanceler.

Porém Von Papen aplica um golpe denominado “Manobra de 33”, tornando-se assim vice-chanceler do parlamento e munido da pasta vermelha de Hindenburg que, já no final de seu governo, o concede, e na qual estão todos os documentos assinados por ele, proclama a dissolução do Parlamento.

Porém, neste momento, o chanceler é Hitler, que apesar de pertencer ao partido nazista, e esse ser minoria nos postos ministeriais; consegue o apoio de Göring, que é ministro do Interior da Prússia que controla a polícia, a qual na noite de 31 de janeiro de 1933 libera nas ruas a ação das tropas nazistas comandadas por Hitler. O golpe que Van Papen pretendeu, fica então na gaveta.

Carl Schmitt, que era idealizador/colaborador de Von Papen, torna-se aliado de Göring e organiza assim, dentro do Ministério do Interior da Prússia uma seção particular e secreta, a *Geheime Staats Polizei* (Polícia Secreta do Estado) ou Ges.Ta.Po, que todos nós conhecemos a relevância na História mundial; esta polícia secreta posteriormente tornar-se-á a SS, ou *Schutz Staffel* (Esquadrão de proteção).

“O totale Staat (Estado Toatal) de Carl Schmitt encontrou sua figura de ação. E a linguagem agora forjou uma instituição singularmente capaz de ação. O atalho do enunciado ao ato foi anunciado”. (Faye, 2009:XVII)

A fórmula surge oficialmente em 1931 no livro intitulado “*O guardião da Constituição*” escrito por Carl Schmitt, no qual ele descreve a virada para o Estado Total, o que designa a tomada do poder pelo presidente Hindenburg e o seu “direito” de legislar por decretos sem a votação parlamentar; posteriormente Ernst Forsthoff, discípulo de Schmitt publica um livro intitulado “*O Estado Total*”. Porém, como citado anteriormente, sabemos que as ideias não permaneceram somente no papel, tornando-se ação viva e concreta.

Adolf Hitler, então no poder, fará uso da fórmula “Estado Total” para legitimar suas ações e pregar assim o totalitarismo, no qual o partido nazista confundia-se com o Estado, garantindo a permanência, legitimação e propagação de suas ideias.

Jean Pierre Faye descreve com uma imensidão de detalhes o surgimento, a utilização, as antíteses da fórmula, que esteve presente em momentos históricos decisivos, riqueza de detalhes que aqui não será retransmitida, mas que traçam

historicamente este caminho tortuoso da apoderação linguística como forma de legitimação de certa ideologia.

Uma importante característica que aqui deve ser citada é o caráter de aceitabilidade que Faye trabalha em relação às fórmulas; ou seja, certos preceitos só são aceitos socialmente devido sua *forma de contar*, suas relações com dizeres anteriores, sua repercussão em outros meandros da linguagem; aceitação essa que advém da própria circulação da linguagem, caráter primordial para o conceito de fórmula, não sendo diferente neste caso.

O sintagma “Estado total” ganha então no espaço público grande circulação e aceitabilidade, pois deriva de totalitário, que é a designação de uma sessão onde o quorum é inteiramente respeitado; transplantando assim o termo total dessa designação, ao sintagma “Estado total”, o qual passa assim despercebido, sendo entendido como simples variante ou superlativo.

O conceito de fórmula é inicialmente trabalhado por Carl Schmitt e Ernst Forsthoff que afirmam *Der totale Staat ist eine Formel* (o Estado total é uma fórmula) e defende que a fórmula serve “*para anunciar o começo de um Estado novo ao universo do conceito liberal*” (Faye, 2009:55), ou seja, o conceito que domina o período entre guerras e marca toda a vida política.

Faye proporcionará um deslocamento do significante fórmula para esfera sociolinguística e apesar de trabalhar a linguagem com um viés mais sociológico, sempre a colocando em relação com a História, e não definir exatamente o que seria o conceito de fórmula de maneira retórica e somente linguística, as ideias principais utilizadas por Alice Krieg-Planque para formalizar este conceito estão todas contidas nos trabalhos do autor.

Um trecho de seu livro *Introdução as Linguagens Totalitárias – Teoria e Transformação do Relato* (Faye, 2009), deixa transparecer como o conceito foi por ele trabalhado, deixando também dessa forma, as ideias iniciais sobre o que posteriormente será formalizado no conceito de fórmula.

“Como assinala Marx, quando o objeto mercantil passa de mão em mão, seu deslocamento no espaço social é pura mudança material: tal é a esfera da troca. Mas fazendo isso, passou de sua forma natural a sua forma-valor e, se for o caso, a sua forma-moeda. Interessar-se pelo processo de troca, é pois, ter de “considerar o

processo inteiro pelo lado da forma, isto é, apenas da mudança de forma [...] que mediatiza a mudança material na sociedade”” (Faye, 2009:33)

Porém, como vemos posteriormente nas pesquisas de Krieg-Planque, nessa troca, no caso a troca linguística, o uso contínuo de certa palavra ou conjunto delas, ressignificará a forma, a qual permanece a mesma, Faye pretende então “*apreender ao vivo a circulação dos significantes e seu efeito de forma*” (Faye, 2009:35) para poder verificar como uma ideologia fadada ao fracasso por sua característica absurda pôde ganhar espaço e circulação no debate público e na sociedade de maneira geral marcando, com tal força, a História mundial.

1.4. A noção de fórmula em Pierre Fiala e Marianne Ebel

Mudando o cenário e permanecendo as reflexões, Pierre Fiala e Marianne Ebel desenvolveram na Suíça um estudo das fórmulas “Überfremdung” (ou “influência e superpopulação estrangeiras”) e “xenofobia”. Tendo vários gêneros como corpus de pesquisa, os pesquisadores buscaram analisar as fórmulas principalmente em três plebiscitos realizados na Suíça: em 1970, em 1974 e em 1977, nos quais os cidadãos suíços deveriam se posicionar favorável ou desfavoravelmente sobre uma proposta de limitação da imigração.

A escolha destas fórmulas deve-se ao fato destas cristalizarem posições sócio-políticas, funcionando como palco para a exposição de diversas opiniões, mesmo com a proposta tendo sido negada as três vezes, estas fórmulas foram colocadas no debate público já na condição necessária a uma fórmula: a obrigatoriedade na tomada de posição em relação a ela.

Apesar de terem sido amplamente utilizadas na década de 70, estas expressões já apareceram anteriormente em textos políticos, mas somente em 1960 que elas começam a se constituir enquanto fórmula, sendo colocada no debate público polemicamente. Somente em 1970 que a fórmula passa a circular no espaço político como um slogan nas eleições deste ano, com o termo Überfremdung (ou “influência e superpopulação estrangeiras”) que posteriormente deriva na fórmula “xenofobia”.

A fórmula xenofobia passa a ser utilizada então pelos opositores àqueles que, de certa forma, permaneciam colocando em questão a imigração e a situação dos

estrangeiros no país, por defenderem uma intervenção no assunto. Com o objetivo de rotulá-los negativamente, a fórmula xenofobia passa então a ser utilizada com maior frequência.

Entra em questão os enunciados-resposta que seriam aqueles com valor *de dicto*, (versão medieval da transparência e da opacidade), que seriam aqueles que surgem da necessidade de resposta por parte daqueles que estão sendo acusados (os que defendem uma política intervencionista tratando-se de estrangeiros), constituindo novamente outro caráter de fórmula: o de referente social, já que sendo favoráveis ou contrários à questão, todos tiveram que se posicionar, de alguma forma, em relação ao assunto.

Utilizando o conceito desenvolvido por Faye e teorizando de maneira mais clara, justamente com a definição de referente social citada anteriormente, a qual faz com que surjam enunciados com o mesmo valor formular, enunciados que, mesmo não contendo a fórmula, expressam a idéia contida nela, atestam novamente o caráter de circulação desta no espaço público neste momento.

Outra questão verificada pelos autores é o surgimento de palavras derivadas da fórmula como *xenofômico* ou *antixenófobo* atestando novamente a circulação desta, pois, este tipo de derivação surge com o desgaste daquela, surgindo a necessidade de criação de novos significantes, a fórmula inicial é amplamente utilizada que as pessoas sentem a necessidade de se expressarem de outras formas relacionadas a ela, que já é vastamente conhecida e debatida.

A grande questão posta por Marianne Ebel e Pierre Fiala com este trabalho é questionar-se em relação à restrição dos discursos, com este caráter de referente social os autores puderam demonstrar que os discursos não são fechados em si mesmos, eles, quando passam a circular, ganham vida própria e crescem no espaço público sem intencionalidade necessária.

Com esta contribuição, que segundo Régine Robins, faz parte de um dos grandes deslocamentos da Análise do Discurso, o preceito de as formações discursivas serem fechadas em si mesmas, é questionado (assim como Jacques Guilhaumou inicia em 1977), reforçando a ideia do dialogismo não só na prática linguareira, mas mais especificamente no próprio discurso, reflexo das formações discursivas.

Com a noção de referente social, a heterogeneidade dos discursos fica ainda mais latente, pois se percebe que é a partir do discurso do outro que o eu se posiciona, ou seja, é a partir da acusação de xenofobia, que aqueles que se sentiram ofendidos,

puderam se defender e assim sucessivamente. Em outras palavras, fica claro neste momento, que é somente a partir do dialogismo que o discurso, e mais especificamente a noção de fórmula, pode existir.

1.5. A noção de fórmula em Alice Krieg-Planque

Tendo como base teórica as proposições de Jean Pierre-Faye, Marianne Ebel e Pierre Fiala, a pesquisadora Alice Krieg-Planque formaliza mais especificamente o conceito de fórmula, porém sempre afirmando que esta funciona gradualmente, o que já pode ser notado através da constituição histórica do conceito que percorreu as mais diversas denominações, mas sem perder suas principais ideias.

Transitando nas mais diversas áreas do conhecimento (ciência política, história, sociologia, ciências da informação e da comunicação, etc.) a autora procura trabalhar o conceito de fórmula com base nas discussões bakhtinianas acerca da heterogeneidade da linguagem.

Algumas dessas ideias/conceitos, a autora empresta de outros pesquisadores (citados nos tópicos acima) que se debruçaram sobre o tema observando-o a partir de diversos vieses, mas sempre mantendo o caráter histórico e social que a linguagem carrega em si.

Krieg-Planque procurou formalizar a reflexão acerca da construção do conceito a partir de uma análise da fórmula “purificação étnica” nos jornais franceses que se referem principalmente às guerras iugoslavas dos anos 1990, e utilizando as teorizações anteriores ela pôde assim concretizar formalmente o conceito.

A autora utiliza diversos conceitos, como o de cristalização, para delimitar espacialmente as condições de classificação de certa sequência linguística em fórmula. Ela compreende a ideia de cristalização pelo significante relativamente estável que permanece na fórmula, como a face cara da moeda (citando Courtine) que permanece a mesma enquanto a coroa suporta as mais diversas significações.

Segundo Krieg-Planque existem dois modos de cristalização: as de ordem estrutural e as de ordem memorial. A primeira ordem “*remete a uma análise sistemática das expressões cristalizadas nos termos de língua e nas categorias da gramática*” (Krieg-Planque, 2009:66) A segunda ordem de cristalização “*remete ao conjunto de enunciados ou fragmentos de enunciados que circulam ‘em bloco’ num*

dado momento e que são percebidos como formando um todo cuja origem é ou não é mais recuperável” (Krieg-Planque, 2009:66).

As distinções dentro do conceito de cristalização apenas demonstram a dificuldade de se trabalhar com tal conceito e ela procura deixar sempre claro que, mesmo com as distinções, este é um conceito fluido, que pode sofrer mutações, basta verificarmos os trabalhos de Marianne Ebel e Fiala sobre as paráfrases ou derivações e variantes, as quais não deixam de expressar os sentidos contidos na fórmula xenofobia.

Torna-se necessário, desta forma, a análise em contexto, tão fortemente defendida pela autora que verificou em sua própria pesquisa, que se considerando este fator contextual a análise dispensa o uso de tecnologias, deixando nas mãos do pesquisador-analista a classificação das seqüências estudadas como inseridas ou não na fórmula estudada.

No caso específico da pesquisadora, houve diversas variantes que tiveram de ser analisadas, como por exemplo, “limpeza étnica”, “depuração étnica”, “segregação étnica”, “desmobilização étnica”, entre outras. Neste momento, cabe ao analista classificá-las tendo sempre em vista seu objetivo e a situação na qual essas seqüências são utilizadas.

Esta “equivalência” que não existe no nível do significante não é verificada também no nível formal, ou seja, estes sintagmas não podem ser considerados sinônimos. Existe sim, uma correspondência no discurso em certo contexto, o que as fazem ou não parte do estudo da fórmula em questão.

Mesmo com suas variações, a questão da cristalização torna-se imprescindível ao funcionamento da fórmula; é o que a faz ser reconhecível e assim partilhável entre os sujeitos, tornando assim, nas palavras de Alice Krieg-Planque, um denominador comum de discursos.

A maior contribuição de Alice Krieg-Planque, para além do conceito de cristalização, utilizado aqui como exemplo das teorizações por ela desenvolvidas ou reelaboradas, é a sua capacidade de compreender mais profundamente a linguagem e seu funcionamento discursivo, podendo assim fornecer conceitos formalmente bem delimitados que abrangem não só a Linguística como um todo, mas a reflexão em Análise do Discurso que vinha sendo feita durante décadas, mas que ainda não possuíam o nível formal fornecido pela autora em questão.

Capítulo 2

2.1. A fórmula desenvolvimento sustentável na mídia

Durante o século XX e o desenvolvimento do capitalismo liberal, o mundo viveu uma época de esperança, de desenvolvimento técnico e crescimento econômico, que desencadeou o sentimento de unificação global; porém o que se verifica é cada vez mais o contrário: um mundo com nações inteiras que vivem abaixo da linha de pobreza, a poluição, a insatisfação do sistema consumista que leva ao abuso de drogas e aumento da violência etc. Enfim, um mundo onde o que se constrói é apenas mais diferença e indiferença às pessoas e ao meio onde se vive.

Depois da bomba atômica de 1945, o mundo vivenciou o medo e a preocupação, e percebeu o quão destrutivo o próprio homem pode ser, a partir de então, os limites e os riscos são implicitamente traçados, e o homem percebe o quanto (não) evoluiu. A utopia de um mundo economicamente desenvolvido e integrado não se cumpriu, pois o que o desenvolvimento econômico mais promoveu foi a desigualdade. A preocupação com o meio ambiente vem dessa forma, rebater o pessimismo e lembrar que somos (ainda) animais racionais.

Iremos, neste momento traçar um panorama histórico sobre as formalizações em torno da preocupação ambiental internacionalmente, e como essas preocupações formaram uma linha de pensamento até a criação do termo “*desenvolvimento sustentável*”, estudado no presente trabalho.

A partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMA, 1972) é iniciada formalmente uma discussão sobre a relação entre meio ambiente e desenvolvimento, procurando uma conciliação entre o ecologismo intransigente, que até então refletia de forma isolada os impactos no sistema ecológico, e o economicismo de visão restrita, que pretendia somente o desenvolvimento econômico e o engrandecimento das sociedades neste sentido.

Tanto o Relatório Founex (também desenvolvido em 1972, como base para a CNUMA), como a Declaração de Estocolmo (1972) ou a Declaração de Cocoyoc (1974), produtos formais da convergência da reflexão acerca do assunto, demonstram a preocupação com o meio ambiente em relação ao modelo de desenvolvimento econômico, visualizando que se torna necessário um tipo de desenvolvimento consciente, o que desencadeia o surgimento do termo *ecodesenvolvimento*, ou como

posteriormente será chamado e cristalizado pelos anglo-saxões como *desenvolvimento sustentável*.

A discussão que surgiu em torno da preocupação com formas alternativas e diferenciadas maneiras de se desenvolver tomou forma no Relatório de Bruntland (1987) o qual, em linhas gerais, defendia mais desenvolvimento econômico para assim ser transmutado em financiamento das propostas de preservação. Estas preocupações formalizadas em relatórios desembocaram posteriormente na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) ou Eco-92 como ficou conhecida.

O termo estudado neste trabalho aparece formalmente pela primeira vez no Relatório de Bruntland, como reflexo direto da preocupação que se via crescer através dos vários encontros internacionais sobre o assunto. Neste Relatório, o termo (desenvolvimento sustentável) é definido como:

O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração actual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e económico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.

Verificamos assim o aumento da circulação do assunto que será denominado a partir de então como desenvolvimento sustentável, ou seja, o que até o momento era designado como o desenvolvimento que pensa nas gerações futuras e nos recursos naturais utilizados no presente. Segundo Becker o “*marco deste conceito é o Relatório de Bruntland de 1987 que propõe o desenvolvimento sustentável como um processo de mudança onde a exploração de recursos, a orientação dos investimentos, os rumos do desenvolvimento ecológico e a mudança institucional se harmonizam e estão de acordo com as necessidades das gerações atuais e futuras.*” (Bursztyn, 1994:130)

Outro reflexo direto do termo é o próprio nome da Conferência que, ao longo de vinte anos, será mudado com o acréscimo do termo desenvolvimento ao nome (de Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente para Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento) reflexo direto da compreensão de que

esses dois conceitos são faces da mesma moeda, entendendo-se assim que se o meio ambiente está em perigo, em igual situação se encontra o desenvolvimento econômico.

Essa compreensão mais ampla sobre o caráter complementar entre ecologia e desenvolvimento só foi possível devido aos estudos desenvolvidos durante a década de 70 e 80, nos quais o entendimento do próprio funcionamento da biosfera tornou-se mais claro, surgindo preocupações principalmente com o aquecimento global.

Essas pesquisas resultaram positivamente na elaboração de ministérios próprios para o assunto em grande parte dos países, contribuindo assim, para a institucionalização dessa preocupação; um passo importante num mundo totalmente burocratizado. Paradoxalmente o primeiro país a perceber a necessidade de intervenção do setor público no assunto foram os Estados Unidos, ainda na década de 60.

Não podemos nos esquecer que no interior desse amadurecimento da reflexão sobre o meio ambiente, estamos nós, sociedade civil, que tem papel primordial na mudança que deve ocorrer na postura em relação ao ambiente no qual vivemos e na forma político-social na qual estamos inseridos; preocupação que nas décadas de 70 e 80 tornaram-se mais latentes.

A Eco-92 foi então o ponto de convergência entre as diversas correntes que se desenvolveram em torno do assunto ao longo desses vinte anos, compreende-se assim que os países desenvolvidos e os em desenvolvimento, chegam a Conferência com visões diferentes e amadurecidas, pois verifica-se um processo de desenvolvimento diferenciado entre elas.

Apesar de esses dois grupos assumirem que realmente existe uma ligação direta entre meio ambiente e desenvolvimento, os países mais desenvolvidos defenderam uma responsabilidade compartilhada, enquanto os em desenvolvimento eram contra qualquer tipo de imposição, pois isso acarretaria uma diminuição em seu desenvolvimento próprio, aumentando a distância atual existente entre os países dos dois grupos descritos anteriormente.

O mais curioso e triste é verificarmos que o mesmo tipo de preocupação que teve a década de 70, ainda estava em 1992, sem solução ou reflexão mais adiantada, pois como descrito abaixo na epígrafe da Conferência de Estocolmo de 1972, a afirmação feita pelo secretário geral da Organização das Nações Unidas, U Thant verificamos que as preocupações permanecem as mesmas, e ainda hoje, depois da Rio+10 e outros encontros internacionais sobre o assunto, a sociedade ainda não possui

nada concreto em relação à preservação ambiental, muito menos uma reflexão amadurecida relacionada ao desenvolvimento.

“Não quero parecer demasiado dramático, mas pelas informações disponíveis [...] temos apenas dez anos para promover uma parceria global que supere a corrida armamentista, que melhore o meio ambiente humano, que freie a explosão populacional e que crie uma oportunidade necessária aos esforços de desenvolvimento. Se tal parceria não for forjada na próxima década, então eu temo muito que os problemas que mencionei terão alcançado proporções tão alarmantes que estarão além da nossa capacidade de controle”.

Percebemos, portanto que a reflexão sobre o meio ambiente faz parte do pensamento do mundo atual, pois anteriormente o modelo do sistema econômico e social supria as necessidades e conseguia velar a real base que o sustentava, deixando, aqueles que nele estão inseridos, indiferentes a qualquer pensamento que abranja a questão social de uma forma crítica.

Desde o início da discussão acerca da preservação ambiental, a ideia geral dos princípios de um tipo de desenvolvimento sustentável havia sido colocada em pauta, porém, inicialmente tomou outras formas lingüísticas, como por exemplo, o ecodesenvolvimento, que segundo Ignacy Sachs, seu teórico, em entrevista a Revista Veja de 2 de agosto de 1978, é definido como uma forma de desenvolvimento que está no intermédio do *“economismo com soluções predatórias e do ecologismo que sacrifica o homem para preservar a natureza”*.

Em linhas gerais, essa ideia se assemelha ao que, posteriormente, seria denominado desenvolvimento sustentável, pois assim como o ecodesenvolvimento, aquele visa também à preservação ambiental em conjunto com o desenvolvimento econômico consciente.

Porém, se observarmos a construção lingüística de um termo e de outro (ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável) percebe-se, sutilmente a ênfase ideológica e teórica que cada um deles carrega.

O primeiro termo, por trazer o elemento de composição *eco* que deriva do grego *oikos* (casa), significando assim um designativo de ambiente, meio: ecologia, e depois o sintagma nominal *desenvolvimento* significando assim progresso, ampliação,

crescimento; colocando esses elementos (eco + desenvolvimento) em conjunto, temos a ideia de ênfase maior na ecologia, no meio ambiente, expressando assim a ideia de um desenvolvimento não só econômico, mas também da consciência ecológica do cuidar de nossa “casa” (planeta Terra) como um todo.

O segundo termo traz o sintagma nominal *desenvolvimento*, anteriormente definido como ampliação, crescimento, e em seqüência o adjetivo denominal *sustentável*, que remete a ideia daquilo que se pode sustentar. Essa construção linguística enfatiza a ideia do desenvolvimento ligado ao desenvolvimento econômico, e somente depois de se pensar o desenvolvimento pensar-se-á a questão da sustentabilidade ecológica e ambiental.

O termo ecodesenvolvimento surge na mídia brasileira (entenda-se neste momento o nosso corpus em questão: a Revista Veja) em 1978, na época em que somente os vanguardistas, como Ignacy Sachs, tinham ambições de refletir com maior profundidade a questão ambiental em relação com o desenvolvimento econômico baseado nos moldes capitalistas.

Somente em 1991 a mídia brasileira (em nosso corpus) trará o termo desenvolvimento sustentável e isso se deve diretamente ao fato de que em 1992 ocorreu a Eco-92, uma grande conferência internacional onde se discutiu a questão ambiental com grande foco no desenvolvimento sustentável, conferência esta que tomou forma na cidade do Rio de Janeiro.

Desde então o termo desenvolvimento sustentável ganhou popularidade na mídia brasileira, tendo destaques em edições especiais, tomando a forma de diversos gêneros, e ganhando assim cada vez maior espaço de circulação e de discussão. Na Revista Veja, por exemplo, podemos encontrar o termo sendo utilizado em diversas vezes nas edições de 1991 até 2010. No site de buscas Google o número de ocorrências não pára de crescer, passando hoje da marca das 2.000.000 ocorrências.

Esses dados trazidos são exemplos de como o termo desenvolvimento sustentável se encaixa na teorização de Krieg-Planque sobre fórmulas, ou seja, uma palavra ou conjunto de palavras que em dado momento histórico passa a circular irrestritamente nos mais diversos meios de comunicação, sendo confrontada com a sociedade, que em algum momento, se verá em posição de argumentação e será assim requisitada, a tomar uma posição em relação a ela.

Veremos detalhadamente como o termo em questão estudado se encaixa na teorização feita pela autora, pois desde seu surgimento, ele se coloca como referente social, gerando sempre muita polêmica, como pode ser verificado na pesquisa realizada na Revista Veja, onde diversos gêneros textuais trazem à tona a questão econômica relacionada à questão ambiental que é corporificada na fórmula desenvolvimento sustentável.

A circulação e a tomada de posições em relação a ela refletem-se nas inúmeras ocorrências da fórmula na mídia, não só em nosso corpus, mas em outros diversos veículos de comunicação que trazem a fórmula com certa polêmica, gerando assim as diversas interpretações e significações, o que por sua vez, fornece grande suporte analítico para esta e outras pesquisas inseridas na Análise do Discurso.

2.2. O caráter cristalizado da fórmula desenvolvimento sustentável

Alice Krieg-Planque ao desenvolver a noção de fórmula definiu algumas características que restringem seu estudo no sentido de orientarem as entradas na pesquisa e reflexão teórica acerca do conceito por ela formulado. Essas restrições seriam definidas pelo caráter cristalizado da fórmula, pelo caráter discursivo da fórmula, pelo caráter de referente social da fórmula e finalmente o caráter polêmico da fórmula.

Desenvolvemos nossa pesquisa sobre a constituição da fórmula desenvolvimento sustentável na mídia utilizando essas premissas oferecidas pela pesquisadora que desenvolveu o conceito mobilizado neste trabalho. Para tanto faremos descrições que demonstram que o termo estudado pode se valer da denominação de fórmula, pois se encaixa em todas as restrições descritas pela autora. Neste momento faremos uma descrição sobre o caráter cristalizado da fórmula com base nas reflexões de Krieg-Planque.

A autora entende que a fórmula possui um caráter cristalizado quando ela é sustentada por uma forma significativa relativamente estável, ou seja, ela deve se constituir linguisticamente como um sintagma capaz de ser “perseguido” em sua circulação, o que nos remonta a ideia de que ele permaneceu ao longo de sua constituição relativamente similar à forma linguística do momento de sua irrupção.

A fórmula desenvolvimento sustentável se encaixa nessa característica, pois permaneceu estável desde seu surgimento em 1991, não havendo assim modificações

linguísticas desde então. No ano em questão ela surge devido ao debate mundial acerca das reflexões sobre desenvolvimento econômico e preservação ambiental, suprimindo assim a ânsia de alguns (poucos) em se refletir sobre formas alternativas de se conciliar os dois preceitos que, à primeira vista, parecem contraditórios.

Porém, a reflexão acerca da fórmula desenvolvimento sustentável torna-se um tanto quanto fluida quando a significação desta se coloca em diversos lugares, tomando as mais variadas formas. Digo isso porque a partir do momento que se pretende estudar um termo colocando-o nas caracterizações do conceito de fórmula pretende-se que ele tenha surgido num certo momento histórico.

A dificuldade do manuseio com a fórmula pesquisada neste trabalho é a de que não podemos excluir debates anteriores sobre a questão da conciliação entre economia e ecologia, pois, mesmo que em pequena quantidade, houve uma discussão anterior ao surgimento da fórmula estudada neste momento.

Em nosso corpus (Edições da Revista Veja) verificamos que anteriormente à formulação do termo desenvolvimento sustentável surgiram outros termos como *ecodesenvolvimento* ou *sustentabilidade*, termos que remetem ao surgimento do nosso objeto de estudo (a fórmula desenvolvimento sustentável), mas que da mesma forma que estão próximos, estão muito distantes.

O termo *ecodesenvolvimento* pode ser apreendido em nosso corpus na edição de 1978, e somente nesta edição, o que a exclui de uma co-ocorrência com a fórmula desenvolvimento sustentável, co-ocorrência aqui entendida da mesma forma que Alice Krieg-Planque a coloca, ou seja, as formulações co-ocorrentes não são sinônimas em língua da fórmula, mas podem ser sequências que funcionam no discurso como substitutos mais ou menos polêmicos em relação à fórmula “original”.

Apesar de não se encaixarem no sistema de co-ocorrência o termo *ecodesenvolvimento* muito pouco utilizado pela mídia, pode ter sido uma entrada para a criação posterior do conceito de desenvolvimento sustentável, por isso não podemos excluí-lo de uma ligação com este, pois naquela edição de 1978, numa entrevista feita a Igancy Sachs, ao ser questionado sobre o que é *ecodesenvolvimento* ele faz a seguinte afirmação acerca do termo, afirmação esta que possui os preceitos inseridos na gênese da ideia e da constituição da fórmula desenvolvimento sustentável.

“Toda e qualquer ação humana implica uma modificação do meio ambiente mas, entre o “economismo”, como suas soluções predatórias querendo tirar o máximo proveito a curto prazo, e o “ecologismo” abusivo, que sacrifica o homem para preservar a natureza, há o caminho intermediário do ecodesenvolvimento. Seu objetivo é o de encontrar respostas as seguintes perguntas: qual a parcela do meio ambiente que a imaginação criativa pode transformar em recursos? Como aproveitar esses recursos de uma forma sustentável, não predatória? Que tipo de tecnologia é necessária para alcançar esse fim? Em que contextos institucionais e sociais essa tecnologia se encaixa?” (Revista Veja, Edição 517, 2 de agosto de 1978, p.52)

Por outro lado, podemos verificar o sintagma sustentabilidade, utilizado de forma derivacional por Ignacy Sachs em sua entrevista (sustentável) que já possuía uma existência e funcionamento próprios, mas que é um sintagma recorrente nas discussões sobre o assunto ambiental. Porém este sintagma também não funciona no sistema de co-ocorrência com a fórmula desenvolvimento sustentável, pois abrange um amálgama de questões que fogem a restrição ambiental ou econômica. Por sua própria constituição, ele necessita de um complemento (sustentabilidade econômica; sustentabilidade social, sustentabilidade ambiental etc.), sua própria significação o oferece possibilidades de ser utilizado nos mais diversos assuntos e lugares discursivos.

Em nosso entendimento a fórmula desenvolvimento sustentável surge para suprir necessidades que os termos citados acima não tiveram condições de suprir em relação à tensão entre desenvolvimento e sustentabilidade (no caso, sustentabilidade ambiental), entendemos, portanto, que aqueles contêm preceitos próprios que em algum momento se distanciam dos preceitos do desenvolvimento sustentável, entendido por nós como um conceito mais abrangente que pode ser utilizado com maior coerência nas questões e reflexões atuais acerca do assunto. A fórmula desenvolvimento sustentável será entendida então como própria, e não como derivação direta de termos anteriores, mesmo que haja certa conexão entre eles.

A fórmula desenvolvimento sustentável surge em nosso corpus com esta forma significativa em 1991, um ano antes do debate da Eco-92, trazendo o que Ignacy Sachs já havia pregado em 1978: a tensão entre o “economismo” e o “ecologismo”, porém numa visão um pouco diferenciada, pois defendeu-se não mais um ecodesenvolvimento, o que transforma o desenvolvimento numa ligação direta com a ecologia (através do

elemento de composição *eco*), mas num desenvolvimento sustentável que traz outras questões inerentes que não só a preservação ecológica.

Desde seu surgimento, este termo (desenvolvimento sustentável) permanece com a mesma constituição linguística até as edições mais atuais de 2010, podendo ser compreendido nos limites da caracterização de Krieg-Planque acerca do caráter cristalizado da fórmula.

Verifiquemos alguns trechos de nosso corpus como exemplificadores da cristalização da fórmula desenvolvimento sustentável na mídia; para tanto utilizaremos parte de nosso corpus com uma reportagem de 1992 que já trazia como ponto de discussão a questão do desenvolvimento sustentável inserido na movimentação mundial da Eco-92, e outra reportagem de 2009, desta vez sobre a Amazônia, na qual o termo é utilizado com a mesma constituição linguística do momento de sua irrupção.

Reportagem

(edição 1231)

Revista Veja de 22 de abril de 1992, p.62

“Patrocinadores em todo o planeta de um secular descaso pela preservação dos recursos naturais, os empresários irão a Conferência Eco-92 dispostos a *convencer a opinião pública de que o meio ambiente pode ser um parceiro de seus negócios*. Presidentes de 48 das maiores empresas do mundo, entre elas a Shell, Dow Chemical, Volkswagen, Ciba-Geigy e Du Pont, desembarcarão no Rio de Janeiro no final de maio *para a assinatura de um protocolo pelo “desenvolvimento sustentável”, slogan do progresso econômico que não abre mão da preservação ambiental (...)*”

Reportagem

(edição 2103)

Revista Veja de 11 de março de 2009, p.96

“Poucos debates no Brasil são tão controversos, erráticos e destituídos de objetividade quanto à conservação da Amazônia. As matas ardem ao ritmo de 500 quilômetros quadrados a cada mês. *Mas o país não consegue formular um plano factível que contenha o avanço da exploração predatória, e ao mesmo tempo, permita o desenvolvimento sustentável da região, uma área equivalente a metade do território*

brasileiro. Preservar a maior floresta do planeta, contudo, é uma meta perfeitamente alcançável, de acordo com um estudo minucioso que acaba de ser concluído (...)”

Verificamos nos dois excertos aqui extraídos de nosso corpus, que a ideia geral de desenvolvimento econômico aliado a preservação ambiental está inserida neles, pois os dois demonstram a ligação entre esses dois preceitos que à primeira vista parecem contraditórios. O primeiro traz a questão levantada na Eco-92, a qual demonstra os interesses das grandes empresas em se pensar uma saída para a manutenção de seus negócios, porém com o avanço da atitude em relação a preservação do meio-ambiente. O segundo trecho traz a questão do desenvolvimento sustentável aliado ao desenvolvimento da Amazônia, defendendo uma política de preservação em relação a ela.

Verificamos a partir desse exemplo simples, que desde 1991 até os dias atuais, o termo desenvolvimento sustentável possui nuances de significações que evocam o mesmo assunto e que dependem do contexto de utilização. Neste caso, a diferença é espacial, na reportagem 1 o termo é utilizado abrangendo as especificidades do contexto mundial e na reportagem 2 atendendo as características do contexto amazônico.

O importante de se verificar com esses dois trechos de reportagens temporalmente distantes, é que a fórmula desenvolvimento sustentável atende a uma das características que o conceito de fórmula carrega: o caráter cristalizado, o qual a fórmula estudada nesta pesquisa possui, pois esta permaneceu ao longo dos anos com a mesma constituição linguística.

2.2.1. Descrição linguística da fórmula

Ao emprendermos uma reflexão sobre significantes lingüísticos e sua relação com o real, estamos lidando com uma superfície ao mesmo tempo estável e fluida. Estável do ponto de vista objetivo e visível, pois se levam anos para que um significante estruturalmente se modifique, e fluido do ponto de vista subjetivo, pois seu significado entra em mutação a todo o momento de sua utilização.

O CLG de Saussure há muito tempo havia aberto caminhos em relação ao paradigma significante/significado, porém, mesmo tendo sido um vanguardista para a

época, a reflexão somente do ponto de vista formal pôde ser alargada para uma reflexão mais ampla sobre o sujeito inserido nesse processo de significação.

Reflexões estas que foram tomadas pela Análise do Discurso como ponto de partida para pensarmos o sujeito inserido num determinado momento histórico, sujeito este que possui sua própria psique e a reflete em sua utilização linguística diária; está colocado neste momento o famoso tripé da AD: Psicanálise, História e Linguística.

Alargando ainda mais o conceito, o pesquisador Courtine traz a contribuição para as reflexões acerca da temática inserindo a premissa da moeda, a qual se utiliza da metáfora de que de um lado da moeda se inscreve o significante, e de outro o significado, porém cada falante pode inserir no lado do significado aquilo que mais o convém; deixando assim explícita a ideia de que o paradigma significante/significado nos leva a reflexões muito mais profundas que não somente as inseridas no nível linguístico formal.

Essas reflexões sobre a inserção do sujeito no ambiente linguístico foi desenvolvida, não só, mas também pela Análise do Discurso, que pretende apreender através dos significantes flutuantes no ambiente discursivo aquilo que se descobre através da linguagem: a ideologia.

Inserida nesse contexto, nossa reflexão apreende como um mesmo significante pode sofrer diversas mutações do ponto de vista do significado (resignificações) sem que ocorram mudanças drásticas em sua composição linguística, considerando sempre o fator contextual desse processo. Portanto nesse momento iremos formalizar como o sintagma central dessa pesquisa pôde ser estruturado da forma como hoje é conhecido e amplamente utilizado, verificando assim a descrição linguística da fórmula em questão: desenvolvimento sustentável.

O sintagma desenvolvimento sustentável nos remonta a duas ideias anteriores à sua formulação, a do ecodesenvolvimento ocorrente em nosso corpus no ano de 1978 e a de sustentabilidade, vastamente utilizada não só em nosso corpus, mas em diversos gêneros textuais sobre os mais variados assuntos, devido sua própria constituição que o faz necessitar de um elemento complementar.

A reflexão sobre os sintagmas é menos complexa quando se trata de uma unidade lexical simples, formada por somente um significante que não possui interferências ou derivações diretas, do que neste caso, que se trata de uma unidade lexical complexa, formada por dois sintagmas.

Além de se constituir como unidade lexical complexa, existe outro fator que não pode deixar de ser considerado nesse processo: o fato de que juntos, esses dois sintagmas compõem uma única ideia, de maneira geral, eles se comportam como um bloco que funciona linguisticamente em conjunto (quando são recusados ou aceitos) eles se integram em um único significado (no momento da utilização e não na continuidade de seu uso), mesmo possuindo dois significantes.

Este é o caso da fórmula desenvolvimento sustentável, onde dois termos diferentes são colocados em posição de relação deixando assim aberta a porta de saída de sua significação: o falante ao penetrar neste “bloco significativo”, sairá cada qual carregando seu significado próprio; portanto deriva deste processo de formação o caráter polêmico desta fórmula.

A unidade léxica pesquisada é composta por um sintagma nominal (desenvolvimento) e por um adjetivo denominal (sustentável), e este segundo elemento é o ponto chave para toda a gama de significações que esta fórmula sofre, pois segundo Krieg-Planque “*os sintagmas feitos de adjetivos denominais (...), por sua ambigüidade e subdeterminação, favorecem os conflitos de interpretação ou, mais exatamente, os conflitos sem interpretação definida para palavras que permanecem abertas*” (Krieg-Planque, 2009:80).

Temos, portanto, um adjetivo denominal que além de poder gerar ambigüidade, é amplamente utilizado em diversos lugares em um discurso, sustentável deriva de sustentar, o que não nos remete a nenhuma ideia objetiva já que o verbo sustentar necessita de um sujeito, ou melhor de um complemento.

Esse complemento surge com o sintagma nominal que o procede, mas que também não nos remete a nada concreto, já que desenvolvimento também é uma unidade lexical que deriva de um verbo, o verbo desenvolver que por sua vez também necessita de complementação.

Afinal, sustentar o quê? E desenvolver o quê? Essa é a ambigüidade linguisticamente concreta que essa constituição da fórmula nos remete. É o desenvolvimento de algo, sustentado em algo, ou que sustenta alguma coisa. Pode ser que seja o desenvolvimento econômico que pensa em sustentar a ecologia, mas pode também ser o desenvolvimento de um novo programa de computador que sustenta uma nova empresa, portanto também se configura como um desenvolvimento sustentável.

Estamos lidando com um objeto de análise completamente fluido e esquivo, pois

mesmo sendo cristalizado ao longo do tempo, não sofrendo assim mutações linguísticas, como verificamos, em sua própria formação linguística pensada do ponto de vista do significado, ele já nos remonta a diversas opções de significações, e isso ocorre em pequena escala neste momento porque ainda não consideramos outros fatores como a situação de uso ou o sujeito que a utiliza.

Nosso trabalho considera a formação linguística da fórmula como parte integrante de um todo que é a reflexão através da materialidade linguística, para que assim possa se alcançar a imensidão dos significados e todas suas implicações sócio-históricas.

2.3. O caráter discursivo da fórmula

Alice Krieg-Planque, autora na qual estamos baseando a utilização do conceito de fórmula nesta pesquisa, defende que esta noção não é linguística, pois mesmo possuindo uma estabilidade linguística (cristalização dita anteriormente), a fórmula sofre mutações devido sua utilização.

Neste sentido, o conceito de fórmula apesar de se basear na materialidade linguística, é um conceito discursivo, pois um sintagma ou conjunto deles só pode ser definido como fórmula através de sua utilização, pois todas as características que a fazem ser designada como tal, derivam desse processo.

Uma sequência linguística não nasce prontamente caracterizada como uma fórmula inserida no contexto estruturalmente linguístico, mas sua irrupção no meio discursivo já é polêmica, pois assume a movimentação das diversas posições na quais é utilizada, assumindo assim a polemicidade que a constrói como tal.

Como já citamos anteriormente, os sintagmas que compõem a fórmula em questão, consecutivamente, desenvolvimento e sustentável já eram utilizados anteriormente à junção no bloco “desenvolvimento sustentável”, porém possuíam significações próprias, que se diferenciavam do que posteriormente a combinação os oferece.

Com a irrupção do termo desenvolvimento sustentável na esfera discursiva, outras inúmeras significações lhe são atribuídas caracterizando-as no processo de polemicidade. Separadamente, cada qual possuía suas características e significados

próprios, porém postas em conjunto, cada qual se deslocou de sua posição tornando-se, segundo Krieg-Planque, objeto de comentário – *e motivo de ação*.

Ao assumir essa nova caracterização, passando do universo formalmente linguístico, para o universo discursivo, essas duas palavras assumem um caráter de discursividade, pois passam a depender uma da outra e majoritariamente do sujeito que as utiliza.

A aparição da fórmula desenvolvimento sustentável é creditada ao debate mundial acerca da preocupação com o desenvolvimento econômico e também com a preservação ambiental que se tornava (e continua sendo) cada vez mais necessária. A fórmula surge da necessidade de combinação entre elementos para que se expressa uma ideia nova, mas a partir de sua utilização acaba tornando-se algo fluido devido ao debate público na qual é colocada.

“A consequência do caráter discursivo das fórmulas é que só podem ser analisadas se apoiadas num corpus saturado de enunciados atestados. O que quer dizer que as sequências assinaladas aqui como fórmulas só são assim consideradas sob o rigor de uma análise bastante metódica - ainda que para cada uma delas tenhamos à disposição informações e enunciados atestados relativamente numerosos”. (Krieg-Planque, 2009:92)

Ecodesenvolvimento. Esta foi a palavra que surgiu anteriormente a denominação de desenvolvimento sustentável para suprir as necessidades acerca do debate sobre preservação ambiental e desenvolvimento econômico, porém ela não possuía a caracterização necessária para ser classificada como uma fórmula. Ela foi utilizada somente em 1978 e depois desapareceu do debate público. Posteriormente, em 1991, surge a sequência desenvolvimento sustentável, a qual foi e ainda é amplamente utilizada.

O que as diferencia? Exatamente o caráter discursivo; enquanto àquela foi utilizada no nível linguístico, esta está sendo utilizada no nível discursivo, pois possui polemicidade e circula na mídia nas mais variadas formas e inserida nos diversos gêneros textuais. A diferença entre elas é a circulação, a qual as oferece essa imensidão de possibilidades de significação.

O caráter discursivo, portanto, define a constituição de uma palavra ou conjunto delas como uma fórmula, pois esse caráter que as faz possuir infinitas utilizações. A fórmula analisada nesta pesquisa supre essa especificação, pois além de possuir numericamente diversas aparições, o que segundo Krieg-Planque não é suficiente, no geral, todas elas se configuram num mesmo funcionamento discursivo, o que as transforma numa sequência tão utilizada quanto polêmica.

2.4. O caráter de referente social da fórmula

Emprestada a ideia desenvolvida no trabalho de Pierre Fiala e Marianne Ebel, Alice Krieg-Planque utiliza a noção de referente social exatamente por ela conter a ideia da heterogeneidade na utilização e significação de certas sequências linguísticas. A autora compreende que *a fórmula, como referente social, é um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento.*

A característica de referência social implica o conhecimento do assunto que a palavra evoca; essa característica decorre do fato de que este signo é visto por todos em algum momento (com maior ou menor grau de conhecimento) e serão requisitados a se posicionar em relação a ele. Essa notoriedade, como Krieg-Planque utiliza, não depende da estabilidade linguística, mas também do número de ocorrências da fórmula.

Verificamos anteriormente que a fórmula desenvolvimento sustentável não sofreu alterações em sua constituição linguística o que a configura como uma fórmula linguisticamente estável. Em relação à quantidade de ocorrências da fórmula, existem algumas ressalvas a serem feitas.

Citamos anteriormente a necessidade de análise em relação ao pertencimento de certa sequência ao universo da fórmula; essa análise dos textos não pode ser feita somente por meio de instrumentos tecnológicos, o pesquisador terá de analisá-los um por um. Esse trabalho, que é parte necessária da pesquisa, ocorre exatamente pelo fato de que podem ocorrer muitas situações nas quais a sequência, mesmo que linguisticamente formada identicamente, possa não pertencer ao universo formular. Decorre deste fato, que não é suficiente a quantidade de ocorrências da sequência para que ela se configure no caráter de referente social, pois pode ser que nem todas as ocorrências pertençam ao corpus da pesquisa.

Porém um dos critérios, se considerarmos a análise do pesquisador sobre a pertinência, ainda é a quantidade, ou melhor, a frequência de utilização da sequência a partir de um corpus estável, como por exemplo, o corpus utilizado nesta pesquisa que é composto pelas edições da Revista Veja.

Nesse corpus, verificamos a primeira utilização do termo desenvolvimento sustentável em 1991, um ano antes dos debates da Conferência Rio-92, onde se discutiu a questão ambiental; e desde então, a frequência dessa utilização não pára de crescer.

Validamos esta afirmação a partir do exemplo de uma pesquisa sobre as datas das ocorrências da fórmula desenvolvimento sustentável na Revista Veja, a qual possui, entre outras, duas ocorrências do termo nas edições de 1992, cinco no ano de 2002, nove no ano de 2007 e dez ocorrências no ano de 2008.

Podemos compreender então que existe um aumento na frequência da utilização da sequência desenvolvimento sustentável; a qual é consequência direta de um acontecimento histórico relevante mundialmente que é o aumento da preocupação com a preservação ambiental em conjunto com formas alternativas de desenvolvimento econômico. Desde o surgimento da junção destas ideias, a primeira vista opostas, o termo passou a ser utilizado irrestritamente e todo sujeito se viu em posição de relação com ela.

Porém, afirmarmos que todo sujeito se posicionou em relação a certa sequência linguística significa dizer que todo sujeito conhece tal sequência e, segundo Krieg-Planque, só é possível fazermos esse tipo de afirmação se essa mesma sequência for atestada em tipos variados de discursos. É o caso da fórmula analisada nesta pesquisa, que além de possuir numericamente muitas ocorrências, que crescem diariamente, ela ocorre numa variedade de gêneros textuais, os quais transmitem variados tipos de discursos e ideias em relação a ela.

Reportagem

(edição 1231)

Revista Veja, 22 de abril de 1992, p. 62

“Presidentes de 48 das maiores empresas do mundo, entre elas a Shell, Dow Chemical, Volkswagen, Ciba-Geigy e Du Pont, desembarcarão no Rio de Janeiro no final de maio para a assinatura de um protocolo pelo “desenvolvimento sustentável”, slogan do progresso econômico que não abre mão da preservação ambiental(...)”

Reportagem

(edição 1237)

Revista Veja, 3 de junho de 1992, p. 52

“A Eco-92 vai tentar conseguir que os ricos países do Norte paguem a conta da limpeza do planeta e da instalação do *desenvolvimento sustentável*, o tipo de progresso que não *agride a natureza*”.

Propaganda

(edição 1876)

Revista Veja, 20 de outubro de 2004.

“Muito tem se falado a respeito de responsabilidade social das empresas. Mas será que está claro o que isso significa: Responsabilidade Social Empresarial é a forma de gestão ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona. Também é estabelecer metas compatíveis com o *desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais, respeitando a diversidade e promovendo a redução de desigualdades sociais (...)*”

Propaganda

(edição 1910)

Revista Veja, 22 de junho de 2005.

“*Acreditar no desenvolvimento sustentável é investir num futuro melhor. Banco Real. O banco líder em uso de papel reciclado em larga escala.*”

Informe Publicitário

(edição 1918)

Revista Veja, 17 de agosto de 2005.

“Telemig celular e Amazônia celular trabalham para *criar condições de desenvolvimento sustentável nas regiões em que atuam, por meio de iniciativas capazes de transformar para melhor o dia a dia das pessoas (...)*”

Reportagem

(edição 1969)

Revista Veja, 16 de agosto de 2006, p.59

“(...) Ninguém discorda de que a vida material dos nordestinos está melhorando a cada ano. O que se discute é se essa mudança de patamar é sustentável sem as injeções de dinheiro dos brasileiros que trabalham e pagam impostos. Especialistas lembram que a transferência de renda não pode ser mantida indefinidamente. *Para atingir o desenvolvimento sustentável, são necessários investimentos constantes em infraestrutura e educação, os únicos capazes de produzir uma economia que caminha com as próprias pernas.* “Os atuais programas não apontam para um desenvolvimento a longo prazo. Eles dependem muito da qualidade das finanças públicas, quem no Brasil, nem sempre encontram um céu de brigadeiro”, alerta o economista Gustavo Maria Gomes, da Universidade Federal de Pernambuco (...)”

Verificamos através dos excertos acima que existe uma diversidade de significações que a fórmula desenvolvimento sustentável evoca, todas elas relacionadas à posição ideológica que o sujeito-autor adota no momento que a utiliza, o que faz com que a cada utilização, ela fique envolta por características diversas.

Percebemos, por um lado, que para alguns o desenvolvimento sustentável é o *progresso econômico que não abre mão da preservação ambiental*, enquanto que, para outros, ele é convertido e *investimentos constantes em infra-estrutura e educação*. Todas as posições descritas nos exemplos evocam algum sentido para a fórmula desenvolvimento sustentável, de acordo com o referente social.

Por outro lado, as empresas que utilizam a fórmula em suas propagandas ou informes publicitários pretendem que ela ateste que eles fazem uso das ideias nela contidas para que assim os consumidores possam aderir ao produto; para tanto irão significá-la de acordo com este critério como é o caso dos exemplos colocados acima.

Para a empresa de telefonia, o desenvolvimento sustentável se configurará *por meio de iniciativas capazes de transformar para melhor o dia a dia das pessoas*, significação que, segundo seu próprio discurso, insere a empresa nos princípios deste tipo de desenvolvimento. Já para o Banco, o desenvolvimento sustentável ocorre através do *investimento num futuro melhor*, o que por sua vez ocorre através do *uso de papel reciclado em larga escala*.

Fica claro, portanto através dos exemplos acima arrolados, o caráter de referente social da fórmula, o que a caracteriza como uma sequência por todos conhecida e

partilhada, porém partilhada separadamente, já que a fórmula é caracterizada por sua constituição aberta a possibilidades de significação, as quais puderam ser verificadas acima. Cada sujeito/instância enunciativa irá fazer uso da fórmula como referente social, mas um referente que aponta diferentes ideias presentes numa mesma sequência linguística.

2.5. O caráter polêmico da fórmula

Anteriormente permanecemos na ideia defendida pela autora de que a fórmula possui um caráter de referente social o que, em linhas gerais, faz com que os sujeitos a conheçam e se relacionem com ela em algum momento. O que deve aqui ser acrescentado é que essa relação do sujeito com a fórmula se inscreve numa condição polêmica.

Ao se utilizarem da fórmula, os sujeitos se inscrevem em instâncias sociopolíticas; ao defenderem ou refutarem a ideia contida nela, esses sujeitos se vêem em posição de relação com ela, porém, essa colocação em torno dela não ocorre de maneira neutra, pois ao se utilizarem dela os sujeitos a carregam com suas próprias constituições:

“(...) a fórmula põe em jogo modos de vida, recursos materiais, a natureza e as decisões de um regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia de que as pessoas se fazem no seio da nação de que se sentem membros” (Krieg-Planque, 2009:103).

Krieg-Planque, citada acima, traduz para o real as características que um ‘simples’ sintagma pode evocar, e decorre dessas descrições, entre outras, o fato de a fórmula se constituir numa relação polêmica: se a própria fórmula carrega em si todas essas ‘partes’ do sujeito que a utiliza, fica claro que a cada utilização ela será envolta por características diversas.

Portanto, mais explicitamente, se o sujeito X utiliza a fórmula, por mais que ela possua as significações similares ao do sujeito Y, em algum momento elas irão se

diferenciar devido ao caráter polêmico que ela evoca, para além da linguagem, as categorias do universo real e a constituição própria do sujeito que a utiliza.

O caráter que está sendo trabalhado neste momento, o caráter polêmico da fórmula, só é possível devido o caráter histórico que ela possui. Como já foi colocado em algum momento deste trabalho, a fórmula só se faz possível devido sua inserção em certo momento histórico. Sua utilização só se caracteriza como passagem ‘obrigatória’ a partir do momento que ela evoca algo que está no centro (ou pelo menos próximo a ele) em certo momento da História.

É exatamente o que ocorre com a fórmula trabalhada nesta pesquisa: desenvolvimento sustentável, a qual só pôde constituir-se como tal através do aumento do debate internacional acerca da preocupação com o meio ambiente concomitante à preocupação com a manutenção do desenvolvimento econômico. Ela surge em meio a esse debate e se coloca socialmente como ‘ponto de passagem’ para os sujeitos que estão inseridos no momento histórico que a faz irromper.

Por ser então ‘ponto de passagem’, a polêmica em torno da fórmula pode ocorrer de duas formas: por sua aceitação e defesa ou por sua recusa e crítica; é o combate ideológico sendo construído e mantido pelos sujeitos que fazem uso da fórmula, os quais tentam manter em relação de aceitabilidade suas ideias em relação a ela e, de igual maneira, manter as formações ideológicas divergentes da sua em relação de distância ao que pode/deve ser aceito socialmente.

Uma das maneiras para que ocorra polêmica em relação à fórmula é a possibilidade de ocorrer dela ser monopolizada por uma formação discursiva que em toda oportunidade procurará colocar em posição de negatividade a utilização da fórmula com o sentido atribuído pela formação discursiva adversária.

Podemos verificar essa dinâmica, entre outras possíveis, sobre o caráter polêmico da fórmula a partir da utilização desta nos excertos abaixo extraídos do corpus, os quais demonstram como um veículo midiático (que como um sujeito se constitui com todas as suas crenças e valores) pode dar a circular sua ideia sobre a fórmula (no caso, desenvolvimento sustentável) refutando aquelas que considera equivocadas.

Neste caso em particular, selecionamos dentre o corpus, a polêmica gerada em torno da fórmula desenvolvimento sustentável relacionada ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o qual é a todo o momento colocado em posição de adversidade em

relação ao ideal de pensamento sobre o assunto por parte da Revista Veja, que claramente possui uma filiação política diferente da que o presidente adere.

Selecionamos três gêneros textuais (coluna, cartas e entrevista) para reforçar a força da fórmula em circular nos diversos meios e se colocando nas diversas posições, pois como veremos, a carta do leitor defende o presidente, se colocando, portanto, contra a posição adotada pela Revista.

Coluna

(edição 1885)

Revista Veja de 22 de dezembro de 2004, p.16

“É fácil enganar os brasileiros. Depois de apenas um ano de crescimento estamos crentes de que o futuro será ainda melhor. Lula, que não é tonto, adotou o crescimento sustentado como bordão publicitário. No discurso de abertura da última reunião ministerial em que fez um balanço dos dois primeiros anos de governo, ele repetiu dez vezes que o Brasil está a caminho do desenvolvimento. E garantiu que, ao contrário do que aconteceu no passado, “não se trata de bolha, de espasmo”. A segunda etapa da campanha “O melhor do Brasil é o brasileiro” que será veiculada no ano que vem, irá bater nesse ponto. A propaganda oficial pretende mostrar que entramos definitivamente na “era do desenvolvimento sustentável”. Ou, para usar a metáfora presidencial, que chegou “a hora da colheita”. Não sei dizer por quanto tempo a economia brasileira poderá continuar a crescer. Um ano? Dois anos? Depende do que ocorrer lá fora. Depende da cotação da banana no mercado internacional. O fato é que, cedo ou tarde, o crescimento do país irá despencar. Não dá para crescer, a longo prazo, quando se aumentam os gastos com funcionalismo público, como fez Lula. Não dá para crescer com o pior ensino do mundo. Não dá para crescer com 50 000 assassinatos por ano. Quando Lula fala em crescimento sustentado, a única dúvida é saber se o crescimento se sustenta, ou não, até 2006. Se sim, Lula se reelege. Se não, ele volta para casa (...)”

Cartas

(edição 1981)

Revista Veja, 8 de novembro de 2006, p.25

“Infelizmente VEJA, a despeito de sua grande tradição democrática, tem adotado cada vez mais um discurso preconceituoso e hostil aos eleitores de Lula. Ressalta sempre a

existência de um país dividido. O país atrasado vota em Lula, o moderno é contra ele. *Há uma distorção deliberada do eixo da discussão em relação a mais ou menos justiça social, mais ou menos integração dos muitos excluídos do processo de desenvolvimento sustentável no Brasil*”

João Carlos Cabral de Barros

Recife, PE.

Entrevista Marina Silva

(edição 2128)

Revista Veja, 2 de setembro de 2009, p. 22

“O PT teve uma visão progressista nos seus primeiros anos de vida, mas não fez a transição para século XXI. Isso me incomodava. O desafio dos nossos dias é dar resposta às crises ambiental e econômica, integrando duas questões fundamentais: estimular a criação de empregos e fomentar o desenvolvimento sem destruir o planeta. O crescimento econômico não pode acarretar mais efeitos negativos que positivos. Infelizmente, o PT não percebe isso. Cansei de tentar convencer o partido de que a questão do desenvolvimento sustentável é a estratégica - como a sociedade, aliás, já sabe. Hoje, as pessoas podem eleger muito mais do que o presidente, o senador e o deputado. Elas podem optar por comprar madeira certificada ou carne e cereais produzidos em áreas que respeitam as reservas legais. A sociedade passou a fazer escolhas no seu dia a dia também baseada em valores éticos”.

Verificamos a circulação da fórmula desenvolvimento sustentável em torno dos pronunciamentos do presidente Lula. Tanto na coluna de Diogo Mainardi quanto na entrevista de Marina Silva, verificamos a posição ideológica contrária àquela adotada pelo presidente Lula.

No texto de Mainardi, o presidente é colocado como aquele que fala sobre o desenvolvimento sustentável, mas que na verdade, está somente de olho na reeleição, *“Lula, que não é tonto, adotou o crescimento sustentado como bordão publicitário (...) A propaganda oficial pretende mostrar que entramos definitivamente na “era do desenvolvimento sustentável (...) Quando Lula fala em crescimento sustentado, a única dúvida é saber se o crescimento se sustenta, ou não, até 2006. Se sim, Lula se reelege. Se não, ele volta para casa (...)”*

Estaria ele, portanto, enganando os brasileiros, como a própria frase que abre o texto nos sugere “*É fácil enganar os brasileiros*”. A fórmula é então aqui utilizada na dinâmica descrita anteriormente, como forma de manifestação da posição discursiva ideológica contrária a adotada pelo presidente.

Refutação esta que ocorre também na entrevista com Marina Silva, na qual ela explicita o porquê o PT não estaria se colocando corretamente em relação ao assunto que a fórmula evoca: a questão preservação ambiental relacionada ao desenvolvimento econômico consciente; afirmando que o PT não percebe a profundidade e atenção que devem ser garantidas ao assunto: “*O crescimento econômico não pode acarretar mais efeitos negativos que positivos. Infelizmente, o PT não percebe isso*”.

Temos, por outro lado, um leitor que se diz indignado em relação ao tratamento oferecido pela Revista em relação à figura de Lula, afirmando que a Revista distorce a discussão em torno dos assuntos que o presidente evoca: “*Há uma distorção deliberada do eixo da discussão em relação a mais ou menos justiça social, mais ou menos integração dos muitos excluídos do processo de desenvolvimento sustentável no Brasil*”

Verificamos com esses três exemplos a dinâmica de funcionamento da polêmica em torno da fórmula; que neste caso em especial está vinculada ao presidente e seu mandato. Fica comprovado assim que a fórmula funciona como espaço de expressão, mas que existem muito mais que somente duas possibilidades de pensamento em relação a ela.

Decorre deste fato, o caráter polêmico da fórmula, que evoca, segundo Krieg-Planque, *modos de vida, recursos materiais, a natureza e as decisões de um regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres etc.*, partes reais constituintes do discurso que fazem com que a polêmica deste jogo de palavras nunca acabe, pois as posições a serem tomadas estão de acordo com os sujeitos que a utilizam, ou seja, a fórmula é polêmica, pois está sempre vazia aguardando alguém que a preencherá cada vez de uma forma diferente.

Conclusão

Faremos neste momento um breve ‘fechamento’ (nunca se conclui nada por completo) sobre a reflexão aqui levantada acerca do funcionamento da fórmula desenvolvimento sustentável, porém de forma mais abrangente, esboçaremos uma reflexão não só sobre a fórmula estudada nessa pesquisa, mas sobre o papel das mídias (até as mais atuais) como meio de circulação de linguagem e consequentemente de ideias.

A noção de fórmula já carrega em si o caráter coletivo oferecido pela mídia, pois ela somente torna-se possível através de sua circulação por meio daqueles que a utilizam, mas devemos também pensar no papel decisivo que a mídia tem nesse processo, que é o papel daquela que faz as escolhas do que irá ou não circular, portanto podemos compreender que a própria mídia é uma das criadoras das fórmulas.

A partir desta ideia, verificamos que a mídia é *“responsável pela promoção, amplificação, circulação – mesmo criação – das palavras do vocabulário dominante, das expressões bem-sucedidas, as pequenas frases e fórmulas”* (Krieg-Planque, 2009:122) exatamente por esse poder que ela possui de colocar real em linguagem, focalizando aspectos de certos temas e tendo a possibilidade concreta de fazer com que a visualização deste seja em grande escala.

Ocorre com o processo de colocação em circulação de certa palavra o mesmo que acontece com a fórmula, elas são vastamente utilizadas e desgastadas que acabam se banalizando e perdendo o sentido inicial. Torna-se necessária então a transposição de outro elemento que supra as necessidades expressivas deixadas pelo abandono do outro.

Verificamos esse processo de forma concreta no contexto da fórmula através dos exemplos que Krieg-Planque nos fornece sobre o trabalho de Fiala e Ebel em torno da fórmula xenofobia. O que ocorre com a esta é um processo que decorre da circulação e ‘passagem obrigatória’ por ela (processo a qual todas as fórmulas estão sujeitas); essa característica faz com que sejam desgastadas tendo que ser trocadas ou derivadas, o que ocorre com o sintagma xenofobia, o qual, com o passar do tempo e conseqüente uso, é derivado para xenofomático e antixenófobo, indicações diretas do caráter de circulação da fórmula.

Todas essas questões passam pelo conceito de formação discursiva, o qual é necessário para o entendimento deste processo de escolha lexical por parte da mídia. Esse processo é derivado da formação ideológica da revista, jornal, programa de rádio,

de TV etc., os quais dão a circular aquilo que pertence ao seu universo discursivo. Porém, o conceito de fórmula não está condicionado a esse processo, pois assumindo a mesma posição discursiva do veículo midiático, ou a refutando, o sujeito está colocando a fórmula em uso e conseqüente circulação, o que faz com que ela suplante as fronteiras entre as formações discursivas.

O conceito já fora baseado na heterogeneidade enunciativa e o dialogismo de Bakhtin, e dentro da AD, por Courtine que alargou as fronteiras entre as formações discursivas afirmando que todas são passíveis de entrecruzamentos, fato que ocorre através da fórmula e o poder de circulação irrestrita que ela possui, pois ela cabe em diversos universos enunciativos, os quais podem utilizá-la para comentá-la, negá-la ou aceitá-la. O importante para manutenção dela é a utilização.

Não podemos esquecer que os acontecimentos discursivos têm grande influência no surgimento e cristalização de uma fórmula, como por exemplo, no caso desta pesquisa sobre a fórmula desenvolvimento sustentável, a qual só se tornou parte do espaço público através de eventos mundiais acerca da reflexão sobre o desenvolvimento e a preservação ambiental. Portanto, para que uma sequência possa ter condições de irrupção e manutenção no espaço público ela deve ter pertinência em relação ao acontecimento discursivo do momento.

Voltando para a questão da criação da fórmula, Krieg-Planque também afirma que não é somente a mídia a criadora destas; muitas vezes uma fórmula começa a ganhar espaço na periferia midiática e somente após o uso, feito pela sociedade, que ela será incorporada em ponto central do veículo midiático, que neste caso, terá o papel de lançá-la, mas não criá-la.

Essa afirmação pode ser atestada através dos meios atuais de divulgação eletrônica, os quais democratizam este poder de colocar as fórmulas em circulação, pois atualmente os meios eletrônicos (como emails, blogs, twitter, sites de relacionamento, etc.) oferecem a possibilidade de expressão através da linguagem com grande abrangência de circulação, não tanto quanto outros veículos midiáticos que mantêm a passagem da informação centralizada nas mãos de jornalistas, sociólogos, políticos etc., os quais ainda têm grande poder de inserção linguística e ideológica no espaço público.

A mídia institucionalizada, ainda tem o poder de organizar, por meio dos seus discursos, as relações de poder e de opinião na nossa sociedade, fator relevante torna-se, portanto, o estudo das fórmulas que colocam de forma mais evidente os discursos que

circulam acerca de certo tema, os quais muitas vezes formam opiniões e ideias, as quais têm o poder de mudar o real e o histórico.

A mídia não constrói apenas a linguagem, ela constrói também a História de maneira pendular: ela reconstrói a história do real em suas reportagens colocadas em circulação através da linguagem (sempre filtradas pelo filtro ideológico) e através desta linguagem, como por exemplo, a escolha e combinação lexical, entre outros fatores, ela constrói e forma ideias e opiniões as quais passam a circular no universo real por meio desses sujeitos-leitores que também constroem a própria História no aqui e agora. É este movimento que a noção de fórmula desnuda oferecendo as ferramentas para o leitor mais atento.

Bibliografia

- ATHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. IN: Cadernos de Estudos Lingüísticos 19 IEL/UNICAMP, 1990.
- BARONAS, R.L. *Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João editores, 2007.
- BURSZTYN, M. (org.) *Para pensar o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- FAYE, J.P. *Introdução às Linguagens Totalitárias: teoria e transformação do relato*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- KRIEG-PLANQUE, A. *La notion de “formule” em analyse du discours*. Paris: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2009.
- LOPES, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- MAINGUENEAU, D. *Análise do Discurso: a questão dos fundamentos*. IN: Cadernos de Estudos Lingüísticos 19 IEL/UNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, M. *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso*. IN: Baronas, R.L. *Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Pedro e João editores: São Carlos, 2007.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.